

Conclusões e partilha de reflexões (1/11)

Neste estudo de caso exploratório procurou-se investigar a problemática das Comunidades Virtuais de Aprendizagem na Formação Contínua de Professores, com o objectivo de configurar um modelo de implementação nesse contexto e analisar as implicações da sua implementação em situação real, no âmbito da formação de formadores de um CFAE.

As *motivações dos sujeitos* para participar nesta oficina foram, principalmente, o contacto, actualização e aprofundamento em novas tecnologias, a curiosidade e aprender mais sobre o conceito de CVA, o facto de ser formador do PRÓfessor ou a oficina ser dirigida a formadores, a inovação, novidade ou desafio da temática.

As *principais dificuldades* apontadas pelos sujeitos, residiram no domínio de tarefas básicas da utilização das ferramentas da Internet, em geral, e das ferramentas da comunicação, em particular, a realização de tarefas básicas de utilização do computador, a falta de tempo e o ritmo rápido de aprendizagem. A *superação dessas dificuldades* foi encontrada pelos sujeitos, procurando ajuda dos colegas, através de muito empenho, realização de tentativas, ajuda do formador ou a ajuda de outros.

Conclusões e partilha de reflexões (2/11)

Nos seus *Diários de bordo* os sujeitos referiram, com maior frequência: a descrição de operações na utilização das ferramentas ou de realização de tarefas, dificuldades de utilização das ferramentas, expressões de desalento ou preocupação, ajuda prestada ou recebida, expressões de bem-estar ou regozijo, falhas técnicas do equipamento, qualificação da acção, preocupação com o ritmo excessivo da acção e descrição de sensações ou sentimentos.

Quanto à *Realização das tarefas acordadas*, verificamos que a percentagem foi elevada (80,6%), o que é indicador de bom nível de consecução, se atendermos à infoliteracia dos sujeitos no início da oficina. Como corolário, no entanto, podemos considerar uma não realização de 19,4% um indicador preocupante, atendendo ao “estatuto” dos sujeitos, todos formadores e inscritos voluntariamente na oficina de formação. A percentagem de tarefas cumpridas com atraso foi, em média, de 8,3%, variando de tarefa para tarefa. Por exemplo, apenas metade dos sujeitos cumpriram, dentro do limite acordado, o *Registo Inicial*, enquanto a tarefa seguinte, *Criação de uma lista de Correio electrónico*, foi realizada atempadamente por dez sujeitos.

A maioria dos sujeitos considerou que não cumpriu as tarefas no prazo previsto. As razões apontadas foram falhas técnicas na máquina a que acedia à Internet, outros afazeres (trabalho na escola, miúdos pequenos) ou falta de tempo e razões pessoais.

Conclusões e partilha de reflexões (3/11)

A *Discussão de assuntos lançados para debate* teve uma participação de 60% dos sujeitos, um valor insuficiente atendendo a outros índices recolhidos e que se enquadra na não participação dos sujeitos que relatamos, atribuída pelos próprios também a falta de disponibilidade e de tempo, ou ao facto do que poderiam dizer sobre o assunto já estar dito por outros anteriormente.

O *conceito de CVA* que os sujeitos mostraram deter, no final da oficina, é satisfatório: “grupos de pessoas ligadas por interesses, motivações e objectivos comuns e com algo em comum, que comunicam utilizando ferramentas das novas tecnologias de informação e comunicação, meios virtuais, desenvolvendo trabalho cooperativo para difundir conhecimentos e partilhar informação.”

A maioria dos sujeitos considerou que *este grupo se constituiu uma comunidade virtual de aprendizagem*, pelo clima e dinamismo estabelecidos, apontando o começo da acção ou “algures nas duas primeiras semanas” como momento em que a CVA teve início.

Como *constrangimentos que dificultam a constituição de uma CVA* o destaque foi para a componente técnica e tecnológica, o facto das pessoas não se conhecerem, timidez, não se darem bem, o tempo, a disponibilidade, a participação de um modo pouco sincero, receio de participar, a incapacidade de reaprender a conversar, a falta de interesses comuns, a ausência do corpo e as limitações às expressões.

Conclusões e partilha de reflexões (4/11)

As ferramentas de suporte de uma CVA consideradas mais úteis foram a *Página pessoal*, o *Correio electrónico*, os *Fora de discussão*, e a *Videoconferência*. As *mais limitadas* foram consideradas os *Fora de discussão*, o *Chat* e a *Videoconferência*. Quando questionados se poderiam *aplicar as ferramentas de suporte de CVA's no seu contexto de formadores* do PRÓfessor, os sujeitos sublinharam a utilidade da *Página pessoal* e, para manter contacto com formandos, um *Fórum*, o *Correio electrónico* e o *Chat*.

Todos os sujeitos, desenharam, produziram e colocaram *online*, dentro do prazo estabelecido, a sua *Página pessoal*, em espaço criado para o efeito. Esta actividade constituiu um forte elo de ligação que uniu todos do princípio ao fim da oficina, prolongando-se, para os espaços de trabalho autónomo. Foi a propósito da construção da página que se viveram os momentos mais marcantes de entreaajuda e, mesmo, de trabalho colaborativo.

Os sujeitos desenharam, produziram e colocaram *online* espaços de *Fórum de discussão*. Concluiu-se que a organização estrutural do fórum, isto é, a forma como são apresentados os contributos e a sua hierarquização, para além do design gráfico em geral, são factores que favorecem ou limitam a participação. Para além disso, foi considerado determinante para o sucesso de um fórum ter um tema apelativo e motivante. Consideramos, no entanto, que o “insucesso” de um fórum pode ter outras causas – a forma como é divulgado, a focagem da temática que servirá de base de discussão.

Conclusões e partilha de reflexões (5/11)

Além disso, a estrutura do fórum, formulada em cabeçalho, determina a sua concepção adequada e perspectiva o seu sucesso ou insucesso. Consideramos que nesse espaço deverão constar com clareza:

- a identificação da temática;
- formulação clara da finalidade da discussão;
- público a que se destina;
- timings de início e de fim da discussão;
- condições de participação;
- identificação de quem dirige o fórum e e-mail de contacto;
- e, finalmente, como, quando e por quem serão publicados os resultados da discussão.

Os sujeitos criaram, produziram e dinamizaram *Espaços em sala de conversa na Internet – Chat*. Verificamos que, uma sessão de *Chat* sem tema, facilmente se torna num espaço apenas lúdico ou apenas confuso, especialmente quando o número de participantes ultrapassa 4 ou 5 pessoas. Sublinhe-se, no entanto, o seu poder aglutinador, como espaço de convívio, sem esquecermos, no entanto, que se trata de uma potente ferramenta síncrona, de custos reduzidos. Tinha-se falado muito, durante a oficina, na perda que, em ambientes virtuais, a ausência do corpo constituía. No entanto, na primeira sessão, em que o anonimato foi acordado por todos, todos souberam ou tentaram tirar partido disso mesmo, da ausência do corpo. Coisas da natureza humana e do seu instinto predador.

Conclusões e partilha de reflexões (6/11)

Os sujeitos organizaram e participaram num espaço de *Videoconferência* dedicado à temática *Desenvolvimento de CVA's – criação, design e relação com o contexto educativo de cada um*. As dificuldades técnicas “presidiram” à *Videoconferência*, prejudicando a sua “imagem” junto dos sujeitos em contraposição com outras tecnologias utilizadas. Apesar disso ficaram patentes as suas potencialidades, dado acrescentar o som e a imagem ao carácter síncrono.

Os sujeitos organizaram-se para produzir e manter um *Historial da comunidade*. Parecia que iria tornar-se num espaço enriquecedor, bem elaborado, onde todos se reconheceriam, constituindo um importante factor de coesão da comunidade. Não podemos comprovar isso, pois foram criados para ele apenas dois documentos.

O valor médio de envio de *mensagens de Correio electrónico*, por sujeito, foi de 18 mensagens, ao longo dos dois meses em que decorreu a oficina, o que corresponde a 0,3 mensagens por dia, ou uma mensagem enviada por sujeito de três em três dias.

A categoria em que se registou maior volume de mensagens foi *Avaliação*, com 58 mensagens, num segundo nível *Criar página* (41), *Diversos* (40) e *Diários de bordo* (37).

Conclusões e partilha de reflexões (7/11)

Em média os sujeitos não participaram em 5,6 das 13 categorias o que corresponde a uma ausência em 43% de actividade neste domínio.

Os momentos da oficina em que se verificou um maior volume de tráfego de mensagens, corresponderam à primeira semana, em que decorreu o lançamento das regras de jogo e da realização das primeiras tarefas, nomeadamente: *Registo inicial, Definir CVA, Frequência de acesso ao Correio electrónico*. O volume global médio de mensagens por semana foi de 39,4.

O nível de familiarização dos sujeitos com a ferramenta *Correio electrónico*, foi, através das estratégias desenvolvidas durante a oficina, espaço de aprendizagens significativas.

A assiduidade às sessões presenciais foi elevada (88,3%), não atingindo, em nenhum caso, o máximo de faltas que o regulamento da modalidade de formação *oficina*, permite, que é de 1/3 do número de horas presenciais, o que corresponderia aproximadamente a 8 horas.

Os sujeitos realizaram a *Avaliação do seu desempenho* considerando-o, de uma maneira geral, “médio, suficiente, satisfatório, razoável ou positivo”. Quanto à *Avaliação do desempenho dos outros intervenientes*, consideram-no “ótimo, interessado, empenhado e motivado, um grupo entusiasmado com muitas dificuldades e outro entusiasmado cheio de empenhamento.”

Conclusões e partilha de reflexões (8/11)

As horas preferidas para acesso ao *Site de apoio* foram os períodos: próximo da hora do almoço, meio da tarde e a seguir ao jantar. De destacar que, no primeiro mês de realização da acção, o período das 6.00 às 7.00h foi o único em que não se verificaram acessos, no segundo mês esse período alargou-se para das 4.00 às 8.00h, passando, no último mês para das 2.00 às 6.00h.

Os sujeitos realizaram a *Avaliação da acção* e verificamos que destacaram como *o que mais gostaram* o descobrir o potencial do mundo novo que a *Net* constitui, a construção da *Página pessoal*, o aprofundar o domínio TIC's, a prestação do formador e o ambiente relacional criado. Por outro lado, indicam como *o que menos gostaram* a sensação de saber muito pouco, não ter cumprido as tarefas nos prazos definidos e o ritmo das primeiras sessões. Apontam ainda como *outras ideias de formação* que gostariam de concretizar o aprofundamento de questões colocadas nesta CVA, a utilização do que aprenderam e as potencialidades da *Net* na aprendizagem.

Na globalidade a oficina de formação foi avaliada pelos sujeitos com 90%. Na análise parcial das diferentes dimensões verificamos: *condições físicas, organização e os níveis de consecução* (88%), *organização da acção* (95%), *prestação do formador* (90%), *actividades de formação* (91%), *actividades de aprendizagem* (81%), *recursos disponibilizados* (98%), *sistema de avaliação dos formandos* (97%) e o *Site de apoio* (94%).

Conclusões e partilha de reflexões (9/11)

A maior dificuldade por nós identificada na implementação da comunidade virtual que estamos a analisar, foi a *não participação* ou a *participação insuficiente* dos sujeitos e a *realização fora de prazo das tarefas acordadas*.

A análise do volume de tráfego semanal de troca de mensagens enviadas para o grupo por cada um dos sujeitos, constitui um indicador dessa participação/não participação. A participação de cada sujeito desviou-se do esperado que seria menor no início, com aumento gradual à medida que se fosse apropriando das tecnologias e das dinâmicas geradas no grupo. A média de semanas sem qualquer participação, “de total desaparecimento”, em que não se verificou o envio de qualquer mensagem para a comunidade, é de 2,3 em 9 semanas, por sujeito, o que corresponde a uma taxa de não participação média de 25,6%, por esta via.

Um sujeito, a certa altura, dizia que a *não participação* se poderia dever à dupla qualidade da nossa comunidade: “Éramos “virtuais” às segundas, quartas, sextas, sábados e domingos e “presenciais” às terças e quintas. “

Esta “certeza” que nos íamos encontrar e então poder resolver presencialmente os problemas, poderá ser uma das razões que estiveram na base da posição de *lurker* que, de uma maneira ou de outra, todos assumiram com intensidades diferentes.

Conclusões e partilha de reflexões (10/11)

Os cinco sujeitos que, em entrevista, se consideraram *não participantes (lurkers) em algum momento da acção de formação*, atribuíram a falta de participação a razões técnicas, insegurança, não gostar de ser filmado (na *Videoconferência*) e falta de interesse pelos temas em discussão (no caso dos *Fora de discussão*).

Comparar as “duas comunidades” que se criaram, a real e a virtual, seria trabalho para outro estudo. O mesmo grupo de sujeitos comportou-se de modo completamente diferente em situações presenciais ou virtuais, com uma única excepção – as duas primeiras sessões de *Chat*. Aí “mostraram-se” “iguais” aos sujeitos que nas sessões presenciais se pareceram sempre com um grupo de amigos satisfeitos por terem a oportunidade de trabalhar juntos. Em presença o espírito de entreatajuda foi uma constante, produzindo-se um ambiente de trabalho agradável, empenhado e totalmente envolvido, uma cumplicidade que uniu todos em volta desta “causa comum”.

Mas, na comunidade virtual, a comunidade real “aprendeu” a adiar-se até à próxima sessão presencial. Dito de um outro modo, a duplicidade da comunidade – real e, ao mesmo tempo, virtual – colocou em causa o elo mais fraco, neste caso a situação mediada, em que os sujeitos se sentiam menos aptos, mais confrontados e dependentes de tecnologias novas, ainda não totalmente dominadas.

Sentimos necessidade aqui, de lembrar uma mensagem que enviamos à comunidade alertando-a para o “perigo” da *não participação*:

Lima, J. (2002). *Comunidades Virtuais de Aprendizagem na Formação Contínua de Professores: Estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em Educação na Especialidade Tecnologia Educativa, Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia

Conclusões e partilha de reflexões (11/11)

“Uma comunidade virtual é um jogo de mimos. Iguamente silenciosa, com tanto de entendido como de subentendido. A única coisa que é “proibido” num jogo de mimos é não fazer gestos. Numa comunidade virtual a única coisa que é “proibida” é não participar... é assistir, sem participar. Todos sabemos que olhar um monitor convida à passividade, predispõe-nos a assistir. São muitos anos em que todos (ou quase todos) nos deixamos submeter à “prima” dele, a televisão. Mas é talvez esse o primeiro nível de exigência nestas coisas. É que, numa comunidade virtual, podemos e temos que passar sem o corpo, mas retire-se-lhe a participação dos seus membros e nem com o virtual ficamos...”

E terminamos com um comentário global sobre o funcionamento de CVA's – Comunidades Virtuais de Aprendizagem, talvez a nossa principal conclusão. Consideramos que as principais dificuldades de implementação de Comunidades Virtuais de Aprendizagem na Formação Contínua de Professores, poderão resultar de as *comunidades virtuais dependerem da sua natureza virtual*, ou seja, podem “sobreviver” a encontros regulares presenciais dos seus participantes, mas não sobreviverão se esses encontros forem muito próximos no tempo. Nessas circunstâncias, verifica-se a transferência para os espaços presenciais da interacção entre os sujeitos, que, desse modo, se libertam da mediação tecnológica a que estão sujeitos nos espaços virtuais. A comunidade virtual passa, então, para uma posição subalterna, acabando por padecer de não participação crónica.